

Narrativas de campo ciência e jornalismo

Mara Rovida¹
Agnes Arruda²

Resumo

O processo de investigação de uma questão (científica ou jornalística) inclui levantamento de documentos de pesquisa, imersão em campo e identificação de possíveis fontes de entrevista. O resultado desse conjunto de ações pode pautar a produção de uma reportagem ou de um texto científico. Pistas dessa aproximação das estratégias de jornalistas e de pesquisadores, principalmente os antropólogos, já foram anotadas anteriormente. Para além das questões relacionadas ao método de apuração ou investigação científica, é pertinente refletir sobre os registros narrativos produzidos por jornalistas e pesquisadores. Para tanto, o presente artigo tem por objetivo contribuir com esse debate a partir de experiências de jornalistas-pesquisadores ou pesquisadores-jornalistas no que diz respeito a sua produção narrativa registrada em diários de pesquisa de campo.

Palavras-chave: Jornalismo. Imersão em campo. Diário narrativo. Pesquisador-jornalista.

179

Field narratives: science and journalism

Abstract

The process of investigating an issue (scientific or journalistic) includes collecting research documents, immersing yourself in the field and identifying possible interview sources. The result of this set of actions can guide the production of a report or a scientific text. Clues to this approach between the strategies of journalists and researchers, especially anthropologists, have already been noted previously. In addition to questions related to the method of investigation or scientific investigation, it is pertinent to reflect on the narrative records produced by journalists and researchers. To this end, this article aims to contribute to this debate based on the experiences of journalist-researchers or researcher-journalists with regard to their narrative production recorded in field research diaries.

Keywords: Journalism. Field immersion. Narrative diary. Researcher-journalist.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso). Pós-doutoranda pelo PPG em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mararovida@gmail.com.

² Professora visitante da Universidade Federal de São Paulo. Docente no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes. Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista. E-mail: agnesarruda@gmail.com.

Introdução

Se a narrativa é uma maneira que todo ser humano tem de organizar o caos da vida (Medina, 2003), essa reconstrução simbólica do real pode ser considerada uma necessidade de todos, embora seja um talento para alguns, de acordo com a reflexão de Cremilda Medina (2003, p. 48).

Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório.

A partir dessa perspectiva e de como ela ajuda a formular uma leitura tanto do processo de produção jornalística que antecede seu registro narrativo, quanto da centralidade do narrar no processo comunicacional, pretende-se analisar uma aproximação entre as experiências narrativas do ato de tecer o presente, como Medina (2003) nomeia a prática jornalística, e as narrativas produzidas em pesquisas de campo na área da Comunicação. Aqui entende-se como pesquisas de campo aqueles estudos organizados com etapas imersivas cujas nomenclaturas podem variar dependendo da filiação teórica dos autores como observação participante, pesquisa etnográfica ou observação-experiência (Medina, 2020). Mas o que nos interessa, sendo este o foco do presente artigo, é a narrativa produzida a partir do trabalho de campo. Isso porque esse tipo de pesquisa engendra estratégias de levantamento e de registro de informações semelhantes à prática jornalística, conforme será discutido no primeiro tópico deste artigo.

Sem perder a relação interdisciplinar que a pesquisa imersiva guarda com a Antropologia, é possível observar potencialidades na aproximação das experiências narrativas, originadas pelo movimento de ir a campo – ir ao encontro do outro –, do jornalismo e da pesquisa comunicacional. Assim, em vez de atuar numa perspectiva técnico-burocratizante, o pesquisador e o jornalista que atuam numa chave dialógica em seus trabalhos de campo – que serão registrados posteriormente em narrativas cujo objetivo é comunicar as experiências dos sujeitos envolvidos nesses processos – se apoiam na “tríplice tessitura ética, técnica e estética” (Medina, 2003, p. 50). Esses dois agentes de produção de conhecimento também podem se aproximar do artista para aprimorar seus registros narrativos.

O ato de reconhecer o mundo e lhe imprimir o toque humano é, sem dúvida, tão científico quanto relacionador. Embora os guetos de excelência se digladiem pelo poder, o gesto criador do estudioso, do pesquisador, desmonta a ideologia e aflora a rebeldia. É aí que o artista se encontra com o cientista e ambos se contaminam com a fabulação das sabedorias poéticas do cotidiano (Medina, 2003, p. 60).

Nos estudos em Jornalismo, no entanto, é comum que métodos e técnicas de pesquisa sejam utilizados de maneira distante e asséptica. Da semiótica, seja ela greimasiana ou peirciana, passando pela análise do discurso, estudo de caso, e tantas outras aproximações teóricas utilizadas com a finalidade de compreender a forma de produção do Jornalismo, seu impacto e consequências sociais, em grande medida, são utilizadas estratégias que tentam preservar um certo distanciamento da pessoa que pesquisa e de seu objeto de estudo. O mesmo tipo de postura, que parece valer-se de uma certa ideia de isenção pelo distanciamento, também se faz presente na prática jornalística e isso, segundo Medina (2006), tem relação com a herança positivista da ciência e do jornalismo.

A ideologia do controle positivo dos saberes tanto nas ciências nobres quanto no jornalismo reforça o conceito de objeto de conhecimento e, portanto, a relação sujeito-objeto, o que fundamenta a teoria e a metodologia da objetividade. Nessa relação objetiva se inserem os princípios de busca da verdade ou da comprovação dos dados objetivos por meio de técnicas e instrumentos tecnológicos que se utilizam na pesquisa ou na investigação. Tanto as gramáticas científicas quanto as gramáticas jornalísticas se constituem no final do século XIX, fundamentadas na mesma visão de mundo e, por isso, também os conceitos operacionais e as técnicas de trabalho se conjugam (Medina, 2006, p. 9-10).

Como contraponto, a ideia de diálogo, de interação com o outro, tanto tem balizado uma prática jornalística que se apresenta na perspectiva de arte de tecer o presente (Medina, 2003) quanto de pesquisas que se valem da lógica Sujeito-Sujeito, em vez de Sujeito-Objeto (Medina, 2006). Por isso, parte-se da hipótese de que quando o pesquisador também é jornalista, esse movimento tem condições de se intensificar, tanto na produção de conteúdo jornalístico que traga contribuições do campo científico, quanto na produção de pesquisas que contemplem narrativas com potencial dialógico. Neste trabalho, como forma de iniciar a discussão sobre as potencialidades dessa relação entre o fazer jornalístico e a pesquisa científica pautada pela lógica Sujeito-Sujeito, tem-se como foco de análise os diários narrativos produzidos em quatro pesquisas imersivas realizadas por duas pesquisadoras-jornalistas. É pertinente observar que, embora os

objetos de interesse dessas pesquisas sejam eles também práticas jornalísticas, a aproximação entre jornalismo e pesquisa científica aqui proposta está pautada pela produção dos diários narrativos das pesquisadoras que, em algum grau, acionaram técnicas jornalísticas em seus trabalhos como cientistas.

Assim, com base nessas premissas, é apresentado um resumo das quatro diferentes experiências narrativas, resultantes dos trabalhos de campo das autoras. Tais experiências contribuem para testar e, em algum grau, confirmar a hipótese de que as narrativas de campo produzidas por jornalistas-pesquisadores trazem uma produtiva simbiose entre os fazeres jornalísticos e científicos. Portanto, esse sujeito jornalista que se torna pesquisador irá impregnar seu trabalho de campo de estratégias típicas da arte de tecer o presente e, longe de ser uma fragilidade, essa mobilização de saberes pode ser considerada positiva na medida em que contribui não apenas na imersão em campo, na interação com os sujeitos de pesquisa, como também repercute nos diários-narrativos ou registros de pesquisa, ponto de interesse no presente artigo.

182

O trabalho de campo e seus registros

As aproximações entre o trabalho de campo de jornalistas e antropólogos têm sido exploradas por estudiosos da Comunicação como Lago (2018) e Rovida (2015a, 2017). Nessas reflexões, observa-se que o ir a campo, o ir ao encontro do outro é um movimento necessário para a etnografia e para a reportagem jornalística.

Além de ser um movimento que permite a pesquisadores e jornalistas se aproximarem de sujeitos em contexto, esse ir ao outro (Medina, 2006) impregna, atravessa, portanto, interfere nos registros narrativos que serão produzidos como resultado dessa experiência em campo. Para Clifford Geertz (2008), a própria ideia de etnografia como descrição densa remete ao processo interpretativo realizado pelo pesquisador que busca apreender uma teia de significados culturais que orienta as interações sociais.

[...] a etnografia é uma descrição densa. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 2008, p. 7).

Tal interpretação se dá tanto pelo processo imersivo – que se constitui num esforço de interagir com os sujeitos da cena social de interesse – quanto pela busca de conceitos que ajudem a apresentar os resultados dessa experiência em um vocabulário, ou uma narrativa, compreensível para os pares.

É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige a ciência social contemporânea [...] podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles (Geertz, 2008, p. 16-17. Grifos do autor).

Esse pensar com os conceitos e não sobre eles, demanda uma postura de compromisso do pesquisador com a experiência de campo. Ainda que o objetivo final seja inscrever, ou narrar, essa experiência em “formas pesquisáveis” (Geertz, 2008, p. 15) o que inclui trabalhar com teorias já conhecidas, o conhecimento produzido por esse tipo de pesquisa não terá como fundamento de partida grandes conceitos das ciências sociais. “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (Geertz, 2008, p. 19).

Numa perspectiva bastante similar, o antropólogo brasileiro José Guilherme Cantor Magnani (2002) assevera que a busca do etnógrafo é por alcançar os arranjos de significados dos sujeitos pesquisados e encontrar uma maneira de descrevê-los, portanto de apresentá-los para que outros estudiosos do assunto possam alcançar aquilo que foi experienciado em campo. Talvez nesse aspecto do processo de inscrição ou de narrativa haja uma diferença entre o que os cientistas sociais buscam e aquilo que jornalistas alinhados a uma visão da comunicação como uma prática de mediação social dialógica entendem.

Para Cremilda Medina (2003), o repórter³ – e também o pesquisador que vai a campo – busca experienciar com todos os sentidos humanos o contexto social de

³ Medina (2003) defende que o personagem (ou função) de jornalista que melhor representa sua ideia de mediação social é o repórter. Por isso, quando o termo repórter aparece nesse diálogo com a noção de jornalismo como arte de tecer o presente, ele é usado no sentido atribuído por Medina (1988, p. 60): “Quanto ao universo da informação jornalística: a) A observação da realidade. b) A coleta de informações, por meio da entrevista a fontes específicas [...], a fontes anônimas (reportagens/crônicas de tipos e situações), ou a fontes imprecisamente identificadas (reportagens como “Religiões do Rio”). c) A ampliação da informação nuclear em um certo aprofundamento de contexto, de humanização e de

interesse, progredindo da observação objetivista para a observação participativa e almejando a observação-experiência.

O sentir-pensar-agir [capacidades lógico-analítica, motor-operacional e intuitivo-sintética] se instaura como método de observação da realidade contemporânea e a observação objetivista se desconstrói na observação participativa (conquista já consagrada na antropologia). No limite da entrega humana, perde-se o medo da observação-experiência (Medina, 2003, p. 143).

Se o jornalista ou pesquisador alcança os significados acionados pelos sujeitos da situação de interesse, é porque interage com eles, se relaciona com eles numa postura de Sujeito-Sujeito e não de sujeito e objeto de pauta ou de pesquisa. Essa postura emerge na narrativa resultante tanto do trabalho do repórter quanto do pesquisador, afinal na obra e na própria experiência de pesquisa de Cremilda Medina esses dois papéis estão imbricados.

Outra revolução ocorre quando autor e ambiente do relato, autor e protagonista da ação social se enlaçam como sujeito-sujeito, e não sujeito-objeto. É como se revelasse, por estalo intuitivo, que pertencemos à saga do outro e o outro se movimenta na nossa própria aventura. Perde-se então a pretensão do signo do distanciamento e a interação dos afetos constitui o signo da relação (Medina, 2003, p. 140).

A busca pelo signo da relação deságua numa forma narrativa (almejada) que contempla a efetiva participação da tríade do processo comunicacional – e também da produção de conhecimento científico –, isto é, fontes, mediador social e público fruidor da informação. Por isso, a narrativa ganha espaço como etapa fundamental do processo jornalístico – e num sentido semelhante, da produção científica – e se estabelece como objetivo, inclusive, pedagógico para Medina (2006, p. 161), “Desenvolver uma oficina de linguagem renovadora cuja autoria favoreça elos da comunicação cada vez mais interativos”.

A atenção para o potencial de interação social criadora que afeta jornalistas e fontes de informação faz parte da obra de Medina desde o início de sua carreira, mas no decorrer de seus estudos essa questão é encaminhada para um elemento específico que inclui o fruidor da informação, em outros termos, a narrativa. Medina (1996) percebe a

reconstituição histórica. Quanto ao tratamento estilístico: a) Descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador. b) O diálogo repórter/fonte. c) O ritmo narrativo da reportagem. d) A frase e os recursos literários”.

relevância da narrativa como forma não apenas de registrar esse processo de interação estabelecido em campo, no ir ao outro, como também um espaço potente para incluir o público nessa dinâmica potencialmente transformadora. “O signo da relação só ocorre na interação criadora em que ambos se transformam” (Medina, 2006, p. 161). Esse ‘ambos’ tanto pode ser jornalista, fontes e público, como educadores e educandos e essa transformação pode ou não acontecer. Não há garantias de que essa transformação se estabeleça, mas é possível buscá-la como finalidade também dos processos pedagógico e científico.

O laboratório de narrativas se torna um norte para as pesquisas de Cremilda Medina a partir de meados dos anos 1990 e segue como um ponto de convergência entre as práticas jornalísticas, científicas e pedagógicas da autora. Nesse sentido, o objetivo maior é manter no horizonte a relação entre a ética (o compromisso social do jornalista e do pesquisador), a técnica (as estratégias de imersão em campo) e a estética (a produção narrativa autoral com potencial dialógico). Com base nesse direcionamento, recuperam-se no próximo tópico deste artigo experiências que exemplificam essa postura epistêmica que aproxima, como Medina propõe, o trabalho de jornalistas e pesquisadores tanto no que concerne ao ir ao outro (pesquisa de campo) quanto na narrativa resultante desse processo de interação. Mas, uma vez mais, se reforça que o foco do presente artigo é a narrativa como produto científico de pesquisadores-jornalistas que permite observar os atravessamentos do fazer jornalístico na pesquisa científica.

Experiências de pesquisa e diários-narrativos

A percepção de que um texto acadêmico, originado por uma experiência de pesquisa de campo, possa parecer uma narrativa jornalística, um texto de reportagem, pode ser entendida como um problema, um demérito e até a indicação de uma fragilidade em relação ao requerido rigor científico. Mas ao buscar referências narrativas na Antropologia – campo de diálogo interdisciplinar –, não é difícil encontrar exemplos do uso de estratégias textuais próximas ao que se observa comumente na produção da imprensa, em especial aquela que ainda guarda espaço para a reportagem.

Alguns exemplos desse tipo de investimento podem ser encontrados na obra coletiva organizada por Cabanes, Georges, Rizek e Telles (2011). No capítulo assinado por Vera Telles (2011, p. 157), por exemplo, conhecemos Doralice, “quarenta anos, mora

num bairro da periferia paulista com o marido e um filho, além da mãe, um irmão e um sobrinho”. O texto de Telles (2011) usa uma perspectiva mais descritiva e distanciada que inclui passagens teórico-reflexivas. Por sua vez, as produções de Magnani (2009), em sua participação na direção do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo, trazem narrativas com uma presença mais forte do próprio pesquisador em suas interações com os cenários e sujeitos de pesquisa.

Mas, chegando à casa e, pondo em prática uma das regras que costumo indicar aos alunos após a volta do trabalho de campo, que é rever e passar a limpo as anotações do caderno, dei-me conta – e anotei, como dado relevante – que tinha acontecido comigo a mesma coisa que ocorre com eles [as pessoas surdas] quando, minoritários, estão em ambiente dominado pelos ouvintes: são ignorados em sua diferença. Assim, por um caminho inesperado, uma impressão nova e contrastiva fez parte do legado que apenas começava a ser acumulado na pesquisa sobre o tema (Magnani, 2009, p. 146).

Os diários de campo apresentados como parte dos resultados finais – portanto, mais do que anotações realizadas durante ou logo após a imersão em campo – das pesquisas se moldam em estruturas narrativas que permitem não apenas apreender as cenas vivenciadas pelo antropólogo, como também possibilitam perceber a presença em campo desse sujeito-pesquisador e das possíveis interações realizadas ou interferências provocadas.

Na leitura desses relatos de pesquisa, descobre-se que o processo de produção dos diários de campo – tomados como dados de pesquisa – segue um padrão, um método formado por diferentes estratégias escolhidas por cada pesquisador. Há aqueles que usam gravadores, câmeras filmadoras e fotográficas, mas há também aqueles que preferem cadernos de anotações para uma ou outra nota pontual. Seja como for, o objetivo realmente é produzir um diário de campo, um texto, que comporte as impressões e informações dessa experiência imersiva. Por isso, o diário de campo pode ter formatos distintos, sendo composto, inclusive, por imagem e áudio, mas ele é sempre uma composição de dados de pesquisa que baliza a reflexão conceitual, desenvolvida posteriormente. Essa estratégia de trabalho, como já mencionado, se assemelha ao processo de apuração jornalística que abastece o mediador social de elementos para desenvolver uma narrativa potencialmente dialógica (Medina, 1996).

O diário de campo, portanto, passa por uma organização, uma seleção de trechos ou uma edição para ser publicado como parte de um texto acadêmico. Assim, há uma

semelhança em relação ao que se desenvolve com o resultado da apuração jornalística que antes de ser publicada também passa por uma edição. Em alguns casos, essa produção jornalística autoral poderá evidenciar a presença do mediador, não como protagonista da ação narrada, mas como partícipe dela, de forma semelhante ao que fazem alguns antropólogos que se mostram nas cenas de seus diários editados para publicação, como no exemplo de Magnani (2009).

Se essa proximidade de fazeres já se estabelece entre o campo da Antropologia e a prática jornalística, é possível entender que o pesquisador-jornalista ou jornalista-pesquisador que usa estratégias de pesquisa de campo na área da Comunicação se beneficia duplamente dessas estratégias metodológicas. Observando algumas práticas de pesquisadoras e pesquisadores que carregam a experiência pregressa da prática jornalística, tem sido instigante anotar a interferência do jornalismo no processo de imersão em campo e na produção narrativa que se desenvolve posteriormente. Esse é, inclusive, o motivador de pesquisa em desenvolvimento cujo ponto central é justamente identificar e, em algum grau, sistematizar o impacto epistêmico da inclusão, ainda que tácita, dessa experiência do jornalismo nas práticas de pesquisa científica.

Esse entendimento sobre o aproveitamento da experiência do jornalismo na prática da pesquisa em Comunicação se revela em alguns trabalhos das autoras do presente artigo que dialogam com outros pesquisadores com trajetórias semelhantes, bem como com a experiência – guardadas as devidas ponderações sobre o tempo de atuação e a relevância das contribuições para os estudos da área da Comunicação – de Cremilda Medina, anteriormente mencionada.

Um dos exemplos dessa relação entre narrativa científica e jornalística está na recepção do livro – resultado de pesquisa de doutorado – *Jornalismo em trânsito – o diálogo social solidário no espaço urbano* (Rovida, 2015b). “Durante sua pesquisa de campo, a professora lançou mão de um método que é, ao mesmo tempo, utilizado por jornalistas e por antropólogos em estudos de etnografia: a observação-participante” (Cardoso, 2016, p. 137). O diário narrativo, produzido com o rigor do registro escrito quase imediatamente após as incursões em campo, foi refinado numa narrativa que permite ao leitor acompanhar as cenas cotidianas do trânsito da Região Metropolitana de São Paulo – macrometrópole formada por 39 municípios, incluindo a capital do Estado de São Paulo – tanto pelo prisma de motoristas de caminhão, quanto pela perspectiva de repórteres que atuavam na cobertura radiofônica *in loco*. Esses dois profissionais

figuraram como sujeitos da pesquisa e interagiram com a pesquisadora ao longo do trabalho, composto pelas incursões em campo e entrevistas, como é possível observar no trecho a seguir.

Ronaldo Rodrigues é repórter na Rádio SulAmérica Trânsito desde 2010. Ele já atuou na reportagem de emissoras de rádio jornalísticas como Eldorado e Bandeirantes e também trabalhou na Editora Abril, na revista Quatro Rodas, onde chegou a editor-chefe. Formado em jornalismo pela Faculdade Metodista, morador do ABC paulista, casado e pai de dois filhos pequenos (um casal), ele entra no trabalho de segunda-feira à sexta-feira, às 6 horas e sai ao meio-dia (alguns sábados e domingos também é escalado para o plantão da rádio). Sua área de cobertura é a Marginal do rio Tietê, na capital paulista; é lá o cenário de histórias tristes, inusitadas e algumas até engraçadas que ele me conta durante a manhã desta quinta-feira. Ao sair do pátio da emissora, no Morumbi, com o carro de reportagem, ele faz um gesto simples, discreto, mas que não passa despercebido: o sinal da cruz, num pedido de proteção para a jornada de trabalho que se inicia. A atitude poderia parecer automática ou exagerada, não fossem as mais de 20 mortes que ele já presenciou nesses dois anos de cobertura do trânsito (Rovida, 2015b, p. 144).

Na edição final da tese, assim como no livro posteriormente publicado, os trechos do diário eram reproduzidos com destaque visual – foram usados uma fonte menor e um recuo de página para marcar esses momentos narrativos. Assim, o texto alterna passagens de uma escrita reflexiva, teórica e, portanto, tradicionalmente acadêmica com as narrativas que parecem reportagens, na definição de alguns leitores como destacado anteriormente. Num primeiro momento, essa devolutiva foi recebida com certo desconforto porque parecia implicar em um demérito para o trabalho, uma vez que o jornalismo é entendido como uma forma de conhecimento (Genro Filho, 2012) diferente e menos rigoroso do que o conhecimento científico. Mas, por outro lado, a defesa da assunção dessa relação entre o jornalismo e a prática científica faz parte da obra e do discurso de Cremilda Medina. É no diálogo com esse entendimento de Medina que essa relação – ainda tácita na mencionada pesquisa (Rovida, 2015b) – foi testada e ressaltada em um segundo estudo, realizado como pesquisa-docente com financiamento de agência de fomento.

Nessa segunda produção, o diário de campo, portanto a narrativa resultante das incursões em campo e das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa, passa a ser o ponto de partida do texto. O diário narrativo se torna, assim, um elemento que direciona a pesquisa e demanda conceitos e autores que são acionados na sequência,

em outros termos, não é apenas um elemento complementar entremeadado aos espaços de reflexão conceitual.

A percepção de Paulo Talarico sobre a existência de alguns aspectos comuns entre as realidades dos diferentes bairros e regiões periféricas, apesar de suas singularidades, é observada em alguns estudos sobre o desenvolvimento das cidades brasileiras. Ermínia Maricato é certamente um nome recorrente nesse tipo de reflexão (Rovida, 2020, p. 49).

O recorte acima é de um parágrafo que vem logo após um longo trecho de diário narrativo, isso significa que não é parte do diário, mas sim uma passagem da etapa teórico-reflexiva. O tom narrativo invade a reflexão teórica indicando que a busca pelos estudiosos do tema mobilizador daquela passagem se dá como necessidade de complementação da leitura cultural (Medina, 1996). É como se a fala do sujeito de pesquisa, no diálogo com a pesquisadora, indicasse as teias teórico-conceituais necessárias para o debate. Novamente, o retorno apresentado por alguns leitores enfatiza a semelhança com a narrativa da reportagem que se vale das experiências de fontes como sujeitos da cena viva, mas também ouve especialistas que ajudam na leitura cultural (Medina, 1996) dos acontecimentos em pauta.

[...] à essa altura, envolvido por um texto fácil, tecido com a fluidez e simplicidade que devem ter os textos jornalísticos aliadas ao rigor científico exigido pelos trabalhos acadêmicos, o leitor já está de mãos dadas com a autora, percorrendo com ela o caminho da pesquisa, como se a acompanhasse desde o florescer da ideia e fosse tomado pelas mesmas indagações e reflexões surgidas durante o percurso. Então constata estar trilhando um caminho sem volta, tal o interesse despertado por seguir a leitura (ou seria jornada?) até o final (Gonçalves, 2020, p. 360-361).

Esse envolvimento que a narrativa potencialmente provoca não tem uma relevância apenas estética, como indica Medina (2006), mas é também uma forma de afetar o leitor e assim alcançar o signo da relação. Nesse sentido, tem-se como orientação a ideia de que a narrativa que registra o trabalho de pesquisa é produzida tecnicamente (porque resulta do trabalho rigoroso da pesquisa de campo, seguida do esforço interpretativo), se apresenta numa adequação estética (porque tem potencial de afetar o leitor) e se enquadra numa perspectiva ética na medida em que mantém no horizonte as relações entre sujeitos.

Outras pesquisas, outros diários

Movimento semelhante com os relatados anteriormente se encontra em dois diários de campo produzidos pela segunda autora deste trabalho. No primeiro, o método autoetnográfico se fez presente, compreendendo a partir de Santos (2002) que a diversidade epistêmica que nos circunda nos leva à compreensão de que: (a) Não há conhecimento puro, nem completo; (b) Há, na verdade, constelações de conhecimento; (c) Não há epistemologias neutras; (d) A reflexão deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos em outras práticas sociais.

Nesse sentido, considerando a autoetnografia como um método que permite “uma aproximação para pesquisa e escrita que procura descrever e sistematicamente analisar (grafia) experiências pessoais (auto) para entender experiências culturais (etno)”⁴ (Ellis; Adam; Bochner, 2011, p. 6), foi possível produzir um diário a partir de vivências experimentadas pela autora que pudessem “[...] ilustrar facetas de experiências culturais, e, ao fazê-lo, tornar características de uma cultura familiar para pessoas de dentro e de fora”⁵ (Ellis; Adam; Bochner, 2011, p. 46). Assim, ao considerar as narrativas pessoais como instrumento de pesquisa, a investigação sob o viés da autoetnografia “[...] propõe compreender uma identidade ou alguns aspectos de uma vida e como ela se cruza com um contexto cultural, [...] bem como convidar os leitores a entrar no mundo do autor e usar o que eles aprendem para refletir, entender e lidar com suas próprias vidas”⁶ (Ellis; Adam; Bochner, 2011, p. 5).

Para o rigor científico, no entanto, não basta a apresentação das vivências pessoais como recurso. É preciso trazer para a discussão contextos sociais, culturais, acadêmicos e até mesmo políticos nos quais essas vivências se inserem, identificando padrões, descrevendo narrativamente esses padrões, encontrando e apresentando ponto(s) de relevância social para tais vivências. Assim, observa-se que o trabalho jornalístico e suas formas de coleta, análise, interpretação e escrita dos fatos começa a se cruzar com o da pesquisa. Isso porque os elementos de realidade observados no relato autoetnográfico se tornam em alguma medida mais completos a partir do olhar treinado da

⁴ No original: “[...] an approach to research and writing that seeks to describe and systematically analyze (graphy) personal experience (auto) in order to understand cultural experience (ethno) [...]”

⁵ No original: “[...] to illustrate facets of cultural experience, and, in so doing, make characteristics of a culture familiar for insiders and outsiders.”

⁶ No original: “[...] propose to understand a self or some aspect of a life as it intersects with a cultural context, connect to other participants as co-researchers, and invite readers to enter the author's world and to use what they learn there to reflect on, understand, and cope with their own lives (Ellis, 2004, p.46)”

pessoa jornalista para esse tipo de manifestação; principalmente porque relatos pessoais e narrativas de vida tendem a sofrer a interferência da memória em sua construção. Dessa forma, o diário em questão passou a compor integralmente a tese de doutorado e posteriormente o livro publicado com os resultados do estudo (Arruda, 2019; 2021).

O caráter de ineditismo, caro tanto ao jornalismo, quanto à pesquisa científica, também se fez presente em tal diário. A pesquisa tratou da relação entre mídia e gordofobia e como uma das primeiras constatações do estudo se destaca justamente a ausência de outros trabalhos sobre o tema. O levantamento do estado da arte indicou ser o trabalho a primeira pesquisa sobre o tema no campo da Comunicação, tornando o diário de campo, em forma de relato de histórias de vida, material de análise para outras pesquisas, tanto na Comunicação, quanto em outras áreas. Assim, a recepção desse material se assemelha ao que se observa com uma narrativa jornalística que permite o acesso a situações e acontecimentos do cotidiano que o público tem interesse em conhecer. Um exemplo pode ser observado no seguinte trecho, em que a partir de uma experiência de vida narrada, o contexto social, das características locais, e até econômico, é dado:

Vi-me em uma situação inédita, a da noiva, observada e admirada por sua beleza naquele dia tão especial, então, fui atrás de um vestido de noiva. E embora o amor romântico e todas as situações dele derivadas e a ele associadas nunca tivessem sido parte dos meus sonhos, quando me vi organizando uma cerimônia de casamento, mesmo fugindo das normativas tradicionais, acabei fazendo algumas concessões, entre as quais usar um lindo vestido para que pudesse fazer minha entrada triunfal perante os convidados, presentes ali para celebrar aquele momento comigo. Assim, na companhia de duas das cinco madrinhas e de muita paciência, resolvi que encontraria o meu vestido ideal na Rua São Caetano, em São Paulo, também conhecida como “Rua das Noivas”. Cabe ressaltar que para quem sonha a vida inteira em chegar à igreja em uma Limusine, vestida de branco, ao som da marcha nupcial e tudo o que uma cerimônia tradicional pede, a tal rua é conhecida como o local ideal para encontrar e encomendar esse tipo de serviço. São metros e mais metros de lojas com tudo o que uma noiva pode querer, dos sapatos às lembrancinhas, da roupa do noivo à banda que vai tocar na festa. Ao entrar nas lojas, as noivas recebem tratamento VIP. Os estilistas estão lá de plantão, escolhem as peças, de acordo com o pedido da noiva mas também, de acordo com o que eles acham que ficaria bom nela; fazem a noiva experimentar, arrumam seu cabelo, colocam o buquê na mão dela, dizem que ela está linda-maravilhosa e, assim, com o vestido dos sonhos no corpo, ela se senta à mesinha da gerente para calcular o preço do sonho, que hoje com uma estimativa otimista deve custar a partir dos R\$ 5 mil (Arruda, 2019, p. 67-68).

Já o segundo trabalho é resultado de uma prática de pesquisa-ação, com a “inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (Peruzzo, 2002, p. 125), permitindo de maneira íntima e detalhada o compartilhamento de dados, práticas e processos junto às e aos sujeitos e seus ambientes que estão sendo observados e anotados. Cabe ressaltar que o diário originado na pesquisa-ação também pressupõe, além da observação de fenômenos e da percepção de nuances e mecanismos não quantificáveis, o retorno dos resultados da pesquisa junto aos grupos investigados (Peruzzo, 2002), tornando o processo de investigação científica ainda mais parecido com o da produção jornalística, uma vez que após a coleta e tratamento dos dados levantados, o material produzido pela pessoa jornalista se torna de conhecimento de todos por ter sido publicado e ganhado circulação nos meios de comunicação.

O que se descobriu a partir de tal investigação ainda está em fase de publicação. No entanto, cabe ressaltar que ao longo da presença da pesquisadora-jornalista em campo, alguns fenômenos muito próprios da atividade jornalística se fizeram presentes, o que inclui entrevistas formais com sujeitos de pesquisa e personagens periféricos e de contextualização; diálogos informais que podem ser vistos como declarações “em off”; levantamento de dados em arquivos e registros fotográficos. Ao ler o diário, além dos acontecimentos relacionados à pesquisa, encontram-se anotações sobre o clima local, características sociopolíticas e dados estatísticos da cidade e de sua população, entre outras notas, numa espécie de crônica daquele cotidiano, como aparece no trecho inédito a seguir:

Vitória é uma cidade na região sudeste do País, capital do Espírito Santo, e que eu nunca tinha visitado. Não sabia direito o que esperar estando lá, mas quando cheguei achei tudo muito bonito e quente. Cheguei um dia antes, inclusive, para me ambientar, e acabei marcando um encontro como uma ativista antigordofobia local. Ela sugeriu um shopping center, o que eu costumo evitar, mas fui. Era um shopping de alto padrão, piso brilhante, ornamentos dourados, lojas de luxo e nenhuma pessoa gorda andando pelos corredores. A presença minha e da minha anfitriã, com nossos corpos gordos, foi extremamente notada.

Com o exposto, o que se identifica é que os diários vão refletir essa combinação de papéis, jornalista-pesquisadora/pesquisadora-jornalista, em toda sua extensão, uma vez que, no campo, é impossível dissociar uma da outra. O que por um lado pode ser visto como uma fragilidade, ou seja, o fato de o diário não conter características

específicas do campo da Antropologia, nem ser um produto jornalístico em si, por outro lado, se apresenta como uma potencialidade. Em outros termos, a pessoa que tiver contato com esse diário, mais do que ter informações particulares acerca daquilo que está sendo investigado, vai encontrar um registro social contemporâneo do fenômeno, permitindo a reflexão e até mesmo tomadas de decisão.

Considerações finais

O objetivo que mobilizou a produção deste artigo pode ser considerado, em algum grau, alcançado, uma vez que as quatro experiências narrativas – originadas por pesquisas de campo, desenvolvidas por jornalistas-pesquisadoras – aqui apresentadas contribuem para compreender que a aproximação entre o trabalho de jornalistas e pesquisadores pode ser produtiva, tanto no que concerne às estratégias de imersão em campo, quanto, e especialmente, no que diz respeito ao trabalho narrativo.

O diário narrativo transborda relações sociais que fazem parte de contextos mais amplos porque trazem em si a potencialidade das histórias da cena cotidiana. Assim como acontece na crônica, na reportagem ou na produção jornalística em geral, o acontecimento singular, a história de uma pessoa em especial ou uma experiência vivenciada de forma pontual trazem elementos de dinâmicas socioculturais e, portanto, ajudam a encaminhar reflexões férteis porque impregnadas da cena viva da contemporaneidade.

Da mesma forma que o antropólogo que se permite experienciar o cotidiano dos sujeitos de pesquisa – como fez Magnani (2009) na pesquisa sobre os surdos –, o pesquisador da área da Comunicação que se vale dessas estratégias, tanto porque essa proposição já está presente nos estudos da área como porque carrega sua experiência como jornalista, também alcança o conhecimento genuíno produzido na interação entre Sujeitos. Explorar essa interação transformadora, como diria Medina (1996), na produção narrativa acadêmica, como observado nas experiências trazidas, é mais do que apenas adequado ou produtivo, é uma tomada de posição epistêmica que contribui com o registro explícito de práticas coletivas dos estudos comunicacionais que ainda seguem negligenciadas ou não reconhecidas.

Referências

ARRUDA, A. G. **O peso e a mídia**: as faces da gordofobia. São Paulo: Alameda, 2021.

ARRUDA, A. G. **O peso e a mídia**: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Paulista: São Paulo, 2019.

CABANES, R.; GEORGES, I.; ROZEK, C.; TELLES, V. **Saídas de emergência – ganhar/perder a vida na cidade de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

CARDOSO, M. Um jornalismo da empatia, dialogia e solidariedade. **Regit**, v. 6, n. 2, p. 136-140. Itaquaquecetuba/SP: jul/dez 2016.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: Na Overview. In **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em <https://bit.ly/3Ob5XZb>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC, Rio de Janeiro: 2008.

GONÇALVES, J. C. O diálogo social solidário na resignificação da periferia. Resenha. **Rumores**, v. 14, n. 28, p. 357-366. São Paulo: jul/dez 2020.

LAGO, C. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2018, p.48-66.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de longe: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29. São Paulo: jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, n. 32, p. 129-156. Porto Alegre: jul./dez. 2009.

MARTINEZ, M.; ROVIDA, M. Diálogos transformadores – aproximações entre as narrativas etnográficas, psicológicas e jornalísticas. SOSTER, D. A.; PICCININ, F. Q. **Narrativas midiáticas contemporâneas - perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017, p. 189-199.

MEDINA, C. (org.). **Povo e personagem**. Ulbra, Canoas: 1996.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. Summus, São Paulo: 2003.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda – Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. Summus Editorial, São Paulo: 1988.

MEDINA, C. **O signo da relação – comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, C. Posfácio – Ensaemos um diálogo (apontamentos). In ROVIDA, M. **Jornalismo das periferias – o diálogo social solidário nas bordas urbanas**. Curitiba: CRV, 2020, p. 163-170.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ROVIDA, M. **Jornalismo em trânsito – o diálogo social solidário no espaço urbano**. São Carlos: Edufscar, 2015b.

ROVIDA, M. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Libero**, v. 18, n. 35, jan-jun 2015a, p. 77-88.

ROVIDA, M. **Jornalismo das periferias – o diálogo social solidário nas bordas urbanas**. Curitiba: CRV, 2020.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TELLES, V. Ilegalismos populares e relações de poder nas tramas da cidade. CABANES, R.; GEORGES, I.; ROZEK, C.; TELLES, V. **Saídas de emergência – ganhar/perder a vida na cidade de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 155-168.

195

Submissão: 6 de jan. 2024.

Aceite: 19 de ago. 2024.